

A democracia liberal saiu do armário!



Fonte: Dall-E

A eleição de Donald Trump nos Estados Unidos arrombou o armário da democracia liberal no mundo ocidental. Desde sua posse, o presidente eleito anunciou o fim de todas as políticas de Estado as quais seu governo denominou “programas ilegais e imorais de discriminação”, referindo-se àquilo que ficou conhecido como programas de diversidade, equidade e inclusão (DEI) e que passaram a ser implementados em empresas e instituições públicas e privadas nos últimos anos, no sentido de atingir alguns níveis mínimos de representatividade dos mal chamados grupos minorizados, especialmente em posições de maior destaque e liderança.

E como é tudo sobre *business*, juntamente com o novo governo estadunidense, inúmeros executivos de grandes corporações globais, que ficaram de certa forma reconhecidas nos últimos anos por promoverem tais programas, anunciaram o fim definitivo de suas políticas de diversidade e inclusão, buscando alinhar-se imediatamente às mais recentes diretrizes da Casa Branca. Empresas como General Motors, Pepsi, Amazon, Google e Disney disseram que removerão todas as referências às DEIs de seus

relatórios anuais e, portanto, de seus objetivos e metas corporativos.

Os mais desavisados poderiam concluir, a partir desta guinada reacionária mais recente que, fosse o Partido Democrata a governar os Estados Unidos, talvez as coisas não teriam chegado a este ponto. Mas na realidade, o genocídio do povo Palestino apoiado e promovido pelos EUA sob o comando do democrata Joe Biden já evidenciava há vários meses que a verborragia “antirracista” liberal é bastante seletiva e que o que está em jogo, realmente, é a tentativa desesperada dos Estados Unidos de refrear o declínio de sua hegemonia perante o mundo, bem como a impossibilidade objetiva entre capitalismo e diversidade real.

O que está finalmente demonstrado em 2025 é que o sistema capitalista não pode suportar, a médio e longo prazos, o direito do povo trabalhador de viver e existir com dignidade, em toda a sua pluralidade e diversidade de gênero, de raça, de orientação sexual, de crença e em harmonia com a natureza. As últimas décadas, especialmente após o fim da URSS, representaram campo fértil para os ideólogos do capitalismo e seus representantes políticos difundirem a falácia de que seria possível acomodar a diversidade de bilhões de seres humanos no mesmo sistema que produz algumas centenas de hiper-ricos às custas da exploração e da opressão de toda a humanidade.

Contudo, a saída definitiva da democracia liberal do armário deixa hoje, mais claro do que nunca, que o capitalismo é absolutamente incapaz de oferecer aos trabalhadores, verdadeiros produtores da riqueza mundial, o direito de viver a sua individualidade e as suas subjetividades de forma plena, o que somente será possível a partir da superação do capitalismo e da construção de uma sociedade socialista. ★

É chegada a hora de pôr fim às ilusões



Fonte: www.pt.org.br

O rebaixamento político-programático sofrido nos últimos anos pela esquerda latino-americana, inclusive nosso Partido, se deu, entre outras várias razões, pelo predomínio de uma visão de mundo segundo a qual: ou não é possível superar o capitalismo; ou, ainda que seja possível, é algo tão absolutamente distante de se realizar, que mal valeria a pena lutar por isso aqui e agora.

Esta visão de mundo rebaixada levou muitos militantes (agora convertidos em “ativistas”), especialmente negros e negras, LGBTQs, mulheres, etc., a acreditar que nosso horizonte político se encerraria diante da possibilidade de termos maior “representatividade”, o que quase sempre significou ocupar postos de trabalho e/ou de destaque na política institucional que historicamente pertenceram à classe média branca, especialmente homens heterossexuais representantes da burguesia.

Ao alcançar estas posições, ainda que em proporção bastante reduzida, já que grande parte dos postos de maior prestígio social e melhores salários seguiram ocupados pelos mesmos de sempre, uma parte de nós acreditou que teria chegado ao topo. “A favela venceu”, convencionou-se dizer, ainda que, de um modo geral, a favela continuasse sua batalha cotidiana pela sobrevivência, na sua luta contra a violência

policial e pela garantia dos direitos mais básicos aos quais ainda hoje não tem acesso.

Em muitas organizações de esquerda, a grande questão passou a ser se pessoas negras, LGBTQs, mulheres, etc. estavam representadas nos espaços de direção, não importando muito se a política defendida seria insuficiente para nos fazer trilhar o caminho rumo ao poder real da classe trabalhadora e a transformação radical da sociedade.

De certo modo, a ilusão de acreditar que o fato de uma pequena parte de nós ocupar espaços que nunca nos pertenceram, em si, aponta para uma transformação mais ampla, está inserida no contexto da ilusão maior que terminou prevalecendo entre amplos setores da esquerda e da classe trabalhadora organizada que acreditaram que poderíamos cumprir bem a função de gerir o Estado burguês (função esta que, diga-se de passagem, os representantes da burguesia fazem muito melhor) sem que isso levasse a uma contundente reação da classe dominante.

Na atual quadra histórica, em que os países imperialistas promovem suas guerras mundo adentro, em que a concentração de renda e riqueza atinge níveis sem precedentes e em que o controle policial e a vigilância social são alarmantes, impõe-se à classe trabalhadora organizada, em especial às mulheres, negros/as e LGBTQs, a urgente necessidade de superação de toda e qualquer ilusão sobre representatividade pura e simples, que jamais nos permitirá construir uma sociedade onde o povo trabalhador detenha o poder, decidindo como, quando e o que produzir com base em suas necessidades reais e rompendo, em definitivo, com a insustentável lógica da produção para garantir os lucros de poucos. ★

